

Primaveras Românticas

Antero de Quental



Biblioteca
Digital

Colecção
CLÁSSICOS
DA LITERATURA
PORTUGUESA



 PORTO
EDITORIA

Duas Palavras

(PREFÁCIO DO AUTOR)

SE me perguntarem porque publico estes versos, marcos poéticos tão distanciados já no caminho da vida real, e cujo merecimento moral (salvo a moralidade íntima da intenção, a sinceridade no sentimento) é talvez ainda inferior ao merecimento literário — responderei: porque não me envergonho de ter sido moço.

Ter sido moço é ter sido ignorante, mas inocente.

A luz intensa e salutarmente cruel da realidade dissipa mais tarde as névoas doiradas da fantasiadora ignorância juvenil. Mas a inocência, a inteireza daquele *indomato amore* com que abraçámos as quimeras falazes dum coração enlouquecido pelo muito desejar, essa inocência é a justificação sagrada daquelas ilusões, o que as torna respeitáveis, o que nos impede, quando de longe em longe as avistamos do horizonte esmaecido do passado, de as encararmos com o sorriso gelado do desdém: é a sua legitimidade.

Fomos todos assim, naquela encantada e quase fantástica Coimbra de há dez anos. Um sopro romântico, cálido mas balsâmico, fazia rebentar tumultuariamente as nossas primaveras em borbotões de flores; flores exóticas, estranhas, que a ciência impassível bania inexoravelmente das suas correctas classificações, mas a que dava um indizível encanto, um atractivo particular uma coisa: a mocidade.

Dava... para quem? para nós mesmos, sobretudo. E pois aos amigos de então, conhecidos e desconhecidos, que este livrinho é particularmente dedicado.

Somos homens, hoje. Mas qual de nós, virando-se para os mudos fantasmas do seu passado, que ainda às vezes, entre risinhos e melancólicos, lhe surgem num e noutro ângulo da vida real, terá a triste coragem de os não saudar com um sorriso amigo e agradecido? qual de nós dirá ao coração — quero esquecer que pulsaste com vida, com amor, com delírio, tal dia, tal hora, tal instante — ?

O passado tem uma como que existência de além-túmulo: tem também os seus direitos sagrados. *Deorum manium jura sancta sunt*. Os manes sagrados de cada coração são os sentimentos sinceros que já ali habitaram e viveram. A religião espiritual marca-lhes um culto particular.

Depois, desse passado de ingénua e quase sublime ilusão, há ainda um ensino prático, imediato, a extrair para a vida real, para a vida da acção e da justiça. Essas ilusões como que nos estão dizendo de contínuo, na sua linguagem misteriosa: «Fostes crianças: sois já homens. Pois sede agora homens tão lealmente, tão completa e resolutamente como então soubestes ser crianças. Ponde nas acções fortes a alma, o ardor intrépido que pusestes nos sentimentos apaixonados... e não teremos existido de balde!»

Se isto é assim, encontrarão ainda os espíritos justos alguma utilidade moral nestes versos de rapaz.

Porto, 10 de Janeiro de 1872.

Beatrice

(1861-1862)

Io sono Beatrice.

Dante — *Inferno*

A...

Nome, que não se diz; nome, que não se escreve:
Quem vai meter num som o mundo, a imensidão?...
O Amor que nome tem? real, jamais o teve...
Escrever!... pois é pouco um livro — o coração?!...

Nem visão, nem real: amor! amor somente!...
Pois quem sabe o que diz esta palavra — amor — ?
Quando deixa cair no peito esta semente,
Diz o que há-de brotar, acaso, o Deus-Senhor?

Somente amor... Somente?! é pouco esta palavra?
Duas sílabas só — em pouco um mundo está —
Loucos! mas, quando o amor se expande, e cresce, e lava,
Bem como incêndio, a arder, tão pouco inda será?

Gota, que alaga o mundo! átomo, e após, colosso!
Mas este nada ou mundo, a mim, quem mo aqui pôs?
Foi Deus! de Deus me vem... e a Deus medir não posso:
É imenso o que vem dele... os nada somos nós.

E o nada, que me abriu no peito e, feito imenso,
O encheu, bem como um vaso, abrindo, encheu a flor,
Há-de alagar teu peito e ser do templo incenso...
Mulher! há-de escutar, que eu vou falar d'amor!

•

Falar d'amor?!... se ele é como uma essência,
Que nos perfuma, sem se ver de donde...
Se ele é como o sorriso da inocência,
Que inda se ignora e, p'ra sorrir, se esconde...

Se é o sonho das noites vaporoso,
Que anda no ar, sem que possamos vê-lo...
Se é a concha no oceano caprichoso,
Se é das ondas do mar ligeiro vê-lo...

Se é suspiro, que oculto se descerra,
Se escuta, mas se ignora de que banda...
Se é estrela, que manda a luz à terra,
Sem se ver de que páramos a manda...

Se é sonho, que sonhamos acordado...
Suspiro, que soltamos sem senti-lo...
Sopro que vai dum lado a outro lado...
Sopro ou sonho, quem pode repeti-lo?

Falar do amor... do amor! o sempre-mudo!
Se é segredo entre dois, como dizê-lo,
Sem divulgá-lo, sem que o ouça tudo!
Se é mistério encoberto, como vê-lo?...

•

E, entanto, eu bem o sinto,
Eu bem o sinto aqui.
Não sei de donde venha...
Só sei que aspira a ti!

A ti! íman oculto,
Para onde esta alma vai:
A ti! urna, onde encerro
Cada suspiro e ai!

A ti! luz dos meus olhos,
Que eu noutros não sei ver:
A ti! meu livro santo,
Aonde aprendo a ler!

Sim! só a ti, auréola,
Que me enches d'esplendor!
E bíblia, onde curvado,
Soletro a lei do amor!

Que importa que o não digas,
Se ficas a cismar?
Que importa que emudeças,
Se podes suspirar?

Que importa o nome, a fala,
Que importa um eco ou voz,
Se quem dá nome ao nome
— O amor — temo-lo nós?

Que importa a quem suspira
O som que tem seus ais?
Também nós suspiramos...
O mais... que importa o mais?

•

Bem como a gota d'água o pobre insecto inunda,
Inundem-me d'amor teus olhos — céu e luz —
A quem pedimos nós que amor ao peito infunda?
Ao seu símbolo — à cruz —!

Abre-te, asilo santo, único, eterno abrigo,
Ó seio virginal! ó seio de mulher!
É mãe, e irmã, e amante! é este o seio amigo!
Eu quero inda viver!

O infinito! Ideal! Visão, que mal pressinto!
Transfigura-te aqui! deixa cair teu véu!
Quero palpar e ver a Deus, nisto que sinto!
Quero antever o céu!

Venham-me esta alma ungir palavras do teu lábio.
Que mestre há aí que valha um lábio de mulher?
Que livro folheou o Cristo, o maior sábio?
Quero a vida aprender!

Coração! coração! eia! ressurge! vive!
Já pôde à voz do amor um morto ressurgir...
E tu não te hás-de erguer, ó coração que tive?
Quero ainda sentir!

Afunde-me no mar da vida pelo afecto;
Quero sentir-lhe a vaga em mim tumultuar:
— De vida o oceano é pai, de vida anda repleto —
O amor! que imenso mar!

Irmã! dá-me do manto alvíssimo uma ponta,
Onde me envolva todo um raio dessa luz...
Não é a cruz quem vê o dia mal desponta?
Tu és a minha cruz.

•

Cruz tão doce de levar...
Cruz que não tem seu calvário,
Nem espinhos, nem sudário...
Cruz do altar!

Cruz, como em noite sem véu
A diviso em cada estrela,
Que enleva as almas ao vê-la...
Cruz do céu!

Cruz, como a vejo formar
Nas ondas, em fins do dia,
Toda luz, toda harmonia...
Cruz do mar!

Cruz, como o mártir, em pé,
Antes de cair por terra,
A faz, se os braços descerra...
Cruz da fé!

Cruz, que não pesa uma dor,
Não quer nem pode afligir-nos,
Mas que vem também remir-nos...
Cruz d'amor!

•

Ó cruz d'amor santíssima!
Tomemo-la, mulher!
Unidos, exaltando-nos!
Unidos no sofrer!

Eu vejo os astros pálidos
E o mundo já sem luz —
Braços, onde acolhermo-nos,
Só vejo os dessa cruz!

Amemos, pois, amemo-nos!
O mundo é ermo e vão;
Nem há já outro alívio,
Nem outra salvação,

Nem outra escada esplêndida,
Por onde ao céu subir,
Mais que essa ponte mística
Do amor e do sentir.

Deserto e noite envolvem-nos.
O que nos resta a nós?
Amigo, é Ele o único —
Sem Ele, órfãos e sós.

Salvemo-nos! Salvemo-nos!
O amor só vence o mal —
Oh! juntos elevemo-nos
Nas asas do ideal!

Sim! dá-me as asas cândidas,
Com que se sobe além...
Oh! sê, sê pois a flâmula
Que me conduza ao bem!

•

Depois que, dia a dia, aos poucos desmaiando,
Se foi a nuvem d'ouro ideal que eu vira erguida:
Depois que vi descer, baixar no céu da vida
Cada estrela e fiquei nas trevas laborando:

Depois que sobre o peito os braços apertando
Achei o vácuo só, e tive a luz sumida
Sem ver já onde olhar, e em todo vi perdida
A flor do meu jardim, que eu mais andei regando:

Retirei os meus pés da senda dos abrolhos:
Virei-me a outro céu, nem ergo já meus olhos
Senão à estrela ideal, que a luz d'amor contém.

Não temas pois — Oh vem! o céu é puro; e calma
E silenciosa a terra; e doce o mar; e a alma...
A alma! não a vês tu? Mulher, mulher! oh vem!

•

Oh! vem! se às mágoas ando há muito afeito,
Juntos podemos contra a dor lutar:
Não podem mágoas contra um peito amigo...
Oh! vem, que eu soffro! vem sofrer comigo...
E então meu peito,
Há-de acalmar!

Se sofres, soffro: quem não pisa abrolhos?
Quem rosas colhe sem lhe a mão sangrar?
Mas, quando a angústia me negar conforto
Dum pranto, ao menos, a meu peito absorto
Volve teus olhos...
Hei-de chorar!...

Oh! vem! que eu soffro! vem trazer-me a calma,
Que anelo e busco no teu puro olhar!
Se a minha estrela se apagar sumida,
Oh, surge, surge, no meu céu da vida...
 E então minha alma...
 Há-de exultar!

•

Quando a vida sentir já sem abrigo,
Já quase a sossobrar na dor envolta
— Vela, que se desfaz, no mar revolta —
Irmã! por me salvar, serei contigo!

Quando a dor me levar a cor da vida,
Como à nuvem seu brilho o vento leva,
Buscando quem me afaste a morte seva,
Irei, irei então buscar-te, querida!

Quando o pouco calor, que inda comporta,
Que inda conserva esta alma, vir extinto,
E a luz, a luz do espírito, que sinto
Ir-se apagando, em todo vir já morta;

Buscarei no teu seio aquela fonte
Constante e pura do mais puro affecto;
E ele — o vaso d'aroma e amor repleto —
Há-de de amor e aroma ungir-me a fronte.

Como seio de mãe seu filho acolhe,
Teu seio, de piedade nunca avaro
Por me livrar de morte e desamparo
Há-de abrir-se à desdita que me colhe.

E, olhando-me, hão-de os olhos teus formosos
Humedecidos ver-se pelo pranto,
Que n'alma me há-de ser bálsamo santo,
E promessa de dias mais ditosos.

E teu lábio, que a prece perfumara,
Pousando-me na face angustiada,
Na linguagem d'amor, no céu fadada,
Dirá que em vão meus sonhos não sonhara.

•

Pôs-te Deus sobre a fronte a mão poderosa:
O que fada o poeta e o soldado
Volveu a ti o olhar d'amor velado,
E disse-te: «mulher, vai! sê formosa!»

E tu, descendo na onda harmoniosa,
Pousaste neste solo angustiado:
— Estrela envolta num clarão sagrado,
Do teu límpido olhar na luz radiosa —

Mas eu... posso eu acaso merecer-te?
Deu-te o Senhor, mulher! o que é vedado,
Anjo! Deu-te o Senhor um mundo à parte.

E a mim, a quem deu olhos para ver-te,
Sem poder mais... a mim o que me há dado,
Voz que te cante... e uma alma para amar-te!

•

É pouco, é muito!... É tudo quanto pode
Dar-se... porque é o amor!
Ao olhar, que assim busca, o que se esconde,
— Vê o sorriso e a dor —

Vê-o?... Reflecte-o em si, e em si o sente,
Como o ar sente o som:
E, como o ar vai cambiando o som tremente,
Repete cada tom.

Funde-se um ser no outro e une-os um laço,
Como o azul se une aos céus.
E os olhos?... quem distingue, nesse abraço,
Os meus... e os que são teus?

— Transforma-se o amador na cousa amada —
Dois são... e um só, também...
Anda uma alma com outra tão liada!...
São como filho e mãe.

Como a hera, que aos álamos se enleia,
Quando o tronco cresceu,
Com ele vai, com ele lida, anseia...
Com ele se ergue ao céu!

Vão-se estreitando... vão: e mal se sabe
Se é um ou se são dois...
Pois se é assim... se há um ser, que em si não cabe...
Sou teu... és minha, pois!

•

Sim! és minha! minha! minha!
Como é dos olhos a luz,
E é o ninho da avezinha,
E dos crentes é a cruz:

Como a Bíblia é dos que lêem,
À luz dum raio de fé;
Como a fé é dos que a vêem,
Ao pé de si, sempre em pé:

Como o céu é do que o fita,
E se embala no esplendor;
Como o sol, do que dormita
Aquecido ao seu calor:

Como tudo belo e santo
É de quem o sente e vê;
Como os olhos de uma amante
São de quem só neles crê.

Sim, minha!... Pois tem alívio
Cada pranto e cada dor;
Pois, neste caminho ínvio,
Tem cada urze uma flor:

E cada céu tormentoso
Tem sua réstia de sol,
E tem o chorar seu gozo,
E a noite, o seu rouxinol:

Se ninguém embalde estende,
Sem achar consolo, as mãos;
Se uma lágrima nos pende
Sobre o seio dos irmãos:

Não há-de ter gota d'água
A sede como a sofri...
Ter alívio cada mágoa...
E eu... ter-te na vida, a ti?!..

•

Se te posso esquecer?! Pergunta à ave
Se esquece o ninho, que lhe deu calor!
Pergunta ao triste se esqueceu o peito
Que a lágrima acolheu da sua dor!

Pergunta à flor do ermo se não abre
Constante o cálix ao rociar do céu!
Pergunta ao cego, que caminha em trevas,
Se a mão que o conduziu, já lhe esqueceu!

Pergunta ao miserável, que te estende,
Pedindo um óbulo, a mirrada mão,
Se a lágrima olvidou que te há sobre ela
Caído, como bálsamo à aflição!

Pergunta, a quem exulta ou a quem chora,
Pelo amor por que exulta ou dor que tem!
Pergunta à mãe se esquece o filho amado!
Ao filho, se lhe esquece sua mãe!

Pergunta a quem te viu se esquecer pôde,
Um só momento, a luz dos olhos teus!
Ao mártir, se lhe lembra a sua crença!
Ao crente, se lhe lembra ainda o seu Deus!

Pergunta ao astro se deixou, um dia,
De, em torno ao sol, constante gravitar!
Pergunta a cada ser se esquece a vida!
Pergunta ao amante se lhe esquece amar!

Se te posso esquecer?!... Digam-to as horas,
Que, sem te ver, me esquecem dos meus dias:
E o silêncio das noites, quando escuto,
Dentro em mim, deste amor as harmonias!

Digam-to as ambições que já meu peito
Agitaram, como ondas no alto mar..
Sonhadas ambições e glórias, que hoje
No teu amor, somente, vou cifrar!

Digam-to as dores, as descrenças fundas
— Tropel, que já minha alma devastou —
Diga-to esta alma, que turbaram males,
E a um só aceno teu me serenou!

Se te posso esquecer?!... Quando o teu filho
A teus olhos de mãe o olhar volver,
Pergunta a esse olhar se o amor se esquece,
Se quem te um dia amou pode esquecer!...

Pepa

(1863)

I

Eu bem sei que te chamam *pequenina*,
E ténue, como o véu solto na dança,
Que és, no juízo, apenas a *criança*,
Pouco mais, nos vestidos, que a *menina*:

Que és o regato d'água mansa e fina;
A folhinha do til que se balança:
O peito que, em correndo, logo cansa;
E a fronte que ao sofrer logo se inclina...

Mas, filha, lá nos montes onde andei,
Tanto me enchi de angústia e de receio
Ouvindo da grandeza os longos ecos,

Que não quero imperar nem já ser rei,
Senão tendo meus reinos em teu seio
E súbditos, criança, em teus bonecos!

II

Tenho dormido no monte,
Alta noite, à chuva e ao frio,
À luz rápida do raio,
Sob um céu duro e sombrio.

E outras vezes — mas sonhando —
Anjos do céu me hão levado
Nos braços, adormecido,
E entre nuvens embalado.

Eu passo vida sonhando
Sonhos de luz e de treva —
Já entre os astros brilhantes,
Já no monte, enquanto neva;

Mas nunca a sombra da terra,
Mas nunca dos céus a aurora,
Me deu sono tão estranho,
Um sonhar como este agora!

Que tenha tanta tristeza,
E uma tamanha ventura,
Tantas visões refulgentes
E tanta nuvem escura!

Entre as urzes da charneca,
Ou em seios de serafim,
Nunca me assim hei dormido,
Nunca tive um leito assim,

Como quando, entre o arvoredado,
A noite, à luz do luar,
Dorme minha alma e se embala
Num raio de teu olhar!

III

Se eu fora a terra, que tu vais pisando
— De olhar no céu — a terra que nem vês...
Quando por sobre mim fosses andando...
Floria-te esses pés!

Fora eu o mar, aonde mãos e braços
E o corpo, nu, mergulhas vergonhosa...
Pudera eu ser então a onda amorosa...
Vestia-te d'abraços!

Se eu fora o céu, que à noite, se meditas,
Te vai mostrando as fúlgidas areias,
Lançara-te, se eu fora o céu que fitas,
Os astros, às mãos cheias!

IV

Eu sou a concha das praias
Que anda batida da onda
E, de vaga em outra vaga,
Não tem aonde se esconda.
Mas se um menino, da areia
A colher e a for guardar
No seio... ali adormece
E é ali seu descansar.
Pois sou a concha da praia
Que anda batida da onda...
Sê tu esse seio infante,
Aonde a triste se esconda!

Eu sou quem vaga perdido,
Sob o sol, com passo incerto,
Contando por suas dores
As areias do deserto.

Mas se um palmar, no horizonte,
Se vê, súbito surgir,
Tem ali a tenda e a fonte
E é ali o seu dormir.
Pois sou quem vaga perdido,
Sob o sol, com passo incerto...
Sê tu sombra de palmeira,
Sê-me tenda no deserto!

Eu sou o peito sequioso
E o viúvo coração,
Que em vão chama, em vão procura
Outro peito, seu irmão.
Mas se avista, um dia, a alma
Por quem andou a chamar,
Tem ali ninho e ventura
E é ali o seu amar.
Pois sou quem anda chorando
À procura dum irmão...
Sê tu a alma que me fale,
Inda uma hora ao coração!

V

O teu pé, subtil e breve,
É como a visão doirada
Que em sonhos roça, fugindo,
A nossa frente pesada:

Todo o escuro se ilumina,
Duma luz coada e branda,
E voam as fantasias,
Como aves, de cada banda:

Assim, quando teus pés roçam
A terra dura e sem cores,
Sob a pisada, que a afaga,
Às mil vêm brotando as flores!

VI

Há na tua varanda uma roseira
Virada ao sol e ao mar,
Que o vento dos jardins d'Andaluzia
Anda sempre a embalar.

Banha-a a luz, dá-lhe concerto a onda;
Nem — da violeta ao lis —
Não vi jamais, neste jardim de Espanha,
Quem fosse mais feliz!

Mas deixa um meu suspiro bafejar-te
Com o sopro do amor...
Verás então que rosa desabrocha
Dentro em tua alma, flor!

Ah! deixa, deixa-a abrir-se nos teus olhos,
Como a flor no balcão...
Por sol, o astro radiante da ventura
E mar, o coração!

VII

Tivesse eu a estrela d'alva,
Que de manhã treme e desce!
Tivesse a estrela da tarde,
A que à noitinha aparece!
Roubava ao céu as estrelas,
Descravava-as desse espaço,
E, unindo-as ambas com um laço
D'aveludada fitinha,
Ia dar-tas por fivelas
Da tua negra botinha!

Pudesse eu tirar do peito
A fibra mais melindrosa
Que me envolve o coração!

Havia dar-te, formosa,
Essa corda dolorosa
Da minha *harpa de Sião*...
Dar-te a fibra de meu peito,
Que fosse (e, só com dizê-lo,
Coração, já te desatas...)
A fita com que tu atas
A trança do teu cabelo!

Pudesse eu ter a cambraia
Da fimbria dos sonhos meus!
Toda feita d'esperanças,
E da luz de novos céus,
E do ar dum novo espaço!
Talhava-te nela o véu
Que te cobre, num abraço,
O pescoço mais de meio...
Que, enquanto dormes e sonhas,
Sonha e dorme no teu seio!

Guardasse eu inda o cristal
Das minas da minha infância,
O meu infantil ideal,
A flor, o azul, a fragrância!
Os meus cristais de Poeta,
— A fé, a crença, a confiança! —
Fazia deles um prisma
Com que visses, neste escuro,
Cor do céu e d'esperança,
O mundo, a vida, o futuro!

VIII

Adornou o meu quarto a flor do cardo;
Perfumei-o d'almiscar olorente;
Vesti-me com a púrpura fulgente,
Ensaando meus cantos, como um bardo:

Ungi-me, face e corpo, com o nardo
Crescido nos jardins do Oriente,
A receber com pompa, dignamente,
Misteriosa visita a quem aguardo.

Mas que filha de reis, que anjo ou que fada
Era essa que assim a mim descia,
Do meu casebre à húmida pousada?...

Nem princesas, nem fadas. — Era, flor,
Era a tua lembrança que batia
Às portas, todas luz, do meu amor!

IX

Andava eu buscando o dia,
Mas não sei quem é que vinha
Tirar-mo, mal ia a tê-lo...
E, vês tu, não sei que tinha,
Não atinava com vê-lo
Neste céu d'Andaluzia!

Quando tu, passando ao lado
Deste cego, e erguendo a ponta
Da tua escura mantilha,
Me disseste — «olha se brilha
Aqui dentro... se desponta
Talvez aqui deste lado...»

Olhei... pois se era teu rosto!
Vi... pois se era teu olhar!
Ó pura lua d'Agosto
Sobre as águas do meu Tejo!
Perdi-me nesse luar...
Agora é que eu já não vejo,
Sob o céu d'Andaluzia,
Nem luz nem sol quando é dia!

X

Vistamo-nos d'amor, ó minha amada!
Vistamo-nos d'amor!
Tenho a fronte do orvalho humedecida...
Dá-me o teu manto, flor!

Tenho a cabeça doida e sonolenta...
Sinto-a como a rodar!
Sê tu, sê tu a mão que nos segura
A fronte em nosso ansiar!

Tenho os membros gelados — acalenta,
 Embala a minha dor!
Sê a *Bela-Infanta*, sê, com que adormenta
 A mãe o *seu amor*!

Perdi a noite... e tão cerrada noite...
 E já me falta o ar!
Vê se és a viração da madrugada
 Que nos vem refrescar!

Eu andava no monte, e escureceu-me,
 E perdi-me, Senhor!
Vê, amada, vê tu se és a luzinha
 Da choça do pastor!

Na capela do ermo é que eu estive
 A rezar... té que a luz
Da lâmpada findou! ó bem-amada,
 Vê se és o meu Jesus!

Os tiranos da pátria me expulsaram,
 Vim fugindo... e estou nu!
Não tenho lar, nem sombra, ou sede d'água...
 Só a ti te possuo!

Perdi-me pela serra, regelei-me,
 E sou todo tremor!
Faze do teu cabelo um manto régio...
 Oh! veste-me d'amor!

XI

Também o amor nos veste...
Manto é o amor também!
Não veste com o cabelo
Ao filho a doce mãe?

Um canto de teus lábios...
Dize-me, aonde há tela
Que a alma nos envolva
Com púrpura mais bela?

Um doce olhar nos cobre...
Onde há régio cetim
Que tenha o doce brilho
Daquela luz sem fim?

Oh! deixa o mundo rir-se
Ao ver nossa nudez:
Nós somos como príncipes...
Incógnitos... bem vês!

Mas, se te o pejo oprime,
Então vistamos, flor,
A nudez da inocência,
Co'a púrpura do amor!

XII

Entre os cílios de teus olhos,
Como entre uma ala de palmas,
Passam, caminho da glória,
Triunfantes, nossas almas!

E entre os batentes dos lábios,
Quando os descerra um sorriso,
De par em par vejo aberta
A porta do paraíso!

Entre teus abertos braços
É que eu tenho o horizonte,
Onde nascem lua e astros,
E doira o sol vale e monte!

E a cruzinha, que entre os seios
Lá te dorme a descansar,
É onde eu prego o meu *Cristo*,
É meu templo e meu altar!

Em cima de teus joelhos
Brinca o menino Jesus:
C'roa que lhe enflora a fronte
É de teus olhos a luz!

Na tua garganta, branca
Como a nuvem da manhã,
E onde vejo a cor vermelha
Dum baguinho de romã,

Tens ocultos, doce amiga,
Mel silvestre do arvoredado,
E a voz saudosa do vento
Que à noite geme um segredo,

E toda a unção de Maria,
E os murmúrios da espessura,
E a longa harmonia flébil
Que nos desce lá da altura!

Tu tens na tua garganta
Uma colmeia de mel;
Canta-se lá noite e dia...
São as veigas d'Israel...

Em teu peito canta um ninho
De maviosos rouxinóis,
Mal que se abrem sobre o mundo
De teus olhos os dois sóis!

E no ritmo de teus passos
É que minha alma se embala
Quando, a dormir, nos teus olhos
Adora, contempla... e cala!

XIII

Vê tu pois que amor este, flor do prado!
Vê que amor há-de ser, pura açucena!
Que, tendo tu em ti a luz serena
Do céu, e quanto o mundo dilatado,

E o mar e a terra tem — quanto há de belo,
Quanto os olhos de ver jamais se cansam,
Sim, tudo — eu, filha, em ti, só, hei-de vê-lo...
Que além de ti meus olhos nada alcançam!

Considera isto bem: que já não sei
Com estes meus dois olhos ver mais nada...
E eis que venho encontrar em ti, amada,
Tudo que amava então quando ceguei!

Céu, donde aspiro a luz e as virações...
Mar, que a meus pés sua onda vem deitar...
Vê, numa só paixão, quantas paixões!
Vê com quantos amores te hei-de amar!

XIV

Dá-me pois olhos e lábios;
Dá-me os seios, dá-me os braços;
Dá-me a garganta de lírio;
Dá-me beijos, dá-me abraços!

Empresta-me a voz ingénua
Para eu com ela orar
A oração de meus cantos
De teu seio no altar!

Empresta-me os pés, gazela,
Para que eu possa correr
O vasto mundo que se abre
Num teu rir, num teu dizer!

Presta-me a tua inocência,
Para eu ir ao céu voar...
Mas acende cá teus olhos
Para que eu possa voltar!

Por Deus to peço, senhora,
Que tu mo queiras fazer;
Dá-me os cílios de teus olhos
Para eu adormecer;

Por que, enquanto os tens abertos,
Sempre para aqui a olhar,
Não posso fechar os meus,
E sempre estou a acordar!

Pela Santa-Virgem peço
Que tu me queiras sorrir;
Porque eu tenho um lírio d'ouro
Há três anos por abrir,

E, se lhe deres um riso,
Há-de cuidar que é a aurora...
E talvez que o lírio se abra,
Talvez que se abra nessa hora!

Por Alá, minha palmeira!
Quando ao sol me for deitar,
Faze sombra do meu lado...
Porque eu quero-te abraçar!

D'amor te requeiro, ondina,
Quando te fores a erguer,
Vê-te no espelho das fontes
Porque eu quero-te beber!

XV

Beber-te! como bebo o ar da vida...
E como bebo a luz do sol doirado...
E a poesia do templo consagrado...
E o consolo no olhar da mãe querida...

Como bebo nos livros do saber
A palavra dos Deuses, e o segredo
Da existência nas folhas do arvoredado...
E em longas noites de cruel sofrer...

Como bebe no cálix o Deus-vivo
Quem o não sente andar dentro de si...
Como eu nesses teus olhos já bebi
A água que hei-de beber enquanto vivo!

XVI

Que sede! bebi teus olhos...
Dentro nasceram-me flores!
Aos tragos bebi tua alma...
Dentro me brotam amores!

Bebi também teus cabelos
E eles, por mago condão,
Em meu peito se tornaram
Fibras do meu coração!

As palavras que segredas
Dentro fizeram-se aroma.
Relíquia, e óleo que eu guardo
De meu peito na redoma.

O mundo agora é vazio:
Ele era taça de Rei
Que te continha; ei-la inútil
Agora que a despejei.

Bem m'importa a mim o mundo!
Se quero ouvir o rumor
Dum universo — inclinando-me,
Ouço, dentro, o meu amor!

Vê tu pois, filha, que treva
E que silêncio há-de ser,
Se algum dia esse universo
De repente emudecer!

Idílio Sonhado

(1864)

Durch Nacht zum Licht.

Spielhagen.

I

Deixemos estas cidades...
Oh! a livre natureza,
Que eu não vejo entre estes montes
De pedras e de tristeza!

Oh! os largos horizontes!
Oh! as campinas floridas!
Vamos lá banhar em luz
Nosso amor e nossas vidas!

Se os horizontes são largos,
Vasto é o meu coração...
Para os meus grandes desejos
Quero infinita a prisão!

Todo o ar é pouco ainda
Para a andorinha voar...
Eu quero imenso horizonte
Para poder delirar!

Quero campinas sem termo,
Todo o brilho e toda a cor...
O maior monte é pequeno
Para andar o meu amor!

Sobre as colinas azuis,
Entre os verdes arvoredos,
Tem a vida mais desejos,
O amor tem mais segredos...

À noite as flores suspiram
Pelos raios do luar...
Vamos, filha, à lua cheia,
Entre as flores suspirar...

Hás-de ouvir falar minha alma,
Hás-de ouvir-lhe o seu segredo...
Oh! as belas flores lânguidas,
Medradas entre o arvoredos!

II

Os meus grandes desejos me endoidecem...
O meu triste futuro me atormenta...
Mas o vago perfume das florestas,
Refrescando minha alma, me adormenta.

Alta noite, ao luar, entre a folhagem,
A alma dá mais amor e aroma os lírios...
Eu tenho o coração cheio de sonhos!
Eu tenho a vida cheia de delírios!

Lá quando as sombras caem e escurecem
Os fantásticos vãos dos arvoredos,
Peço às visões da noite que me ensinem,
Dos mundos donde vêm, canto e segredos.

Lá quando os rouxinóis estão cantando
Às rosas purpurinas das balseiras
Também se erguem em mim, como aves de oiro,
As minhas doces ilusões primeiras.

Nem eu sei porque sonho noite e dia...
Mas ao longe sussurram os pinhais...
As estrelas do céu parecem tristes
Inclinando-se a ouvir meus tristes ais.

Se eu não tivesse o eco das florestas,
Se não tivesse o vento das devezas,
Quem te havia levar os meus suspiros?
Quem te havia contar minhas tristezas?

É minha confidente a natureza,
O livre vento é meu único amigo...
Se ele me fala a mim, por alta noite,
E porque ao pôr do sol falou contigo!

A noite é o meu berço d'esperanças,
Onde o luar me embala a pobre vida...
As estrelas do céu vão-me cantando,
Por que eu possa sonhar contigo, querida!

E, enquanto as folhas a brincar se tocam,
E os pinhais longas mágoas vão contando,
E as estrelas e as águas me adormecem,
Eu contigo, entre os ventos, vou sonhando!

Então, ao som fremente das cascatas,
Me cobre com seus véus uma visão,
E, adormecido ao seio dum engano,
Abraço a minha pálida ilusão.

Contigo em sonhos vou. Entre o arvoredos
Como dois raios de luar corremos...
Leves, como o ar, fugimos pelo mundo,
Buscando o que nós dois somente vemos.

Atrás de fadas, que lá ao longe acenam,
No meio de fantásticos palores,
Vamos buscar a harpa da ventura
Suspensa na floresta dos amores.

.....
.....
.....
.....

É de noite, ao luar, entre a folhagem,
Quando a alma é toda amor e aroma os lírios,
Que eu deixo o coração ir-se-me em sonhos,
Que eu tenho a vida cheia de delírios!

Vem tu ver os crepúsculos da tarde!
Vem tu ver os rocios da manhã!
A rola faz de musgo o doce ninho...
Eu sou o musgo, sê tu a rola, irmã!

III

Correr nas livres colinas!
Adormecer ao luar!
Ver teus olhos, acordado,
E as estrelas, a sonhar!

Ter em cima o céu, e em baixo
A natureza florida,
E bem no meio do peito
A tua imagem, querida!

Ter uma tenda formada
Com os raios das estrelas,
Cuja porta só abrissem
As tuas mãozinhas belas!

Ter por jardim dos amores
O céu, os vales, e os montes,
Por leito o berço dos ventos,
E docel os horizontes!

Vês aqui o meu poema,
A minha doce mentira,
Que eu, poeta, em sonhos canto
Co'a lua cheia por lira!

Oh! rouxinóis das balseiras!
Suspiros do coração!
Uns cantavam-te a beleza,
Outros a minha ilusão!

Assim passo pelo mundo
Com esta ilusão nos braços!
Ninguém sabe a luz que escondo
Por detrás d'uns olhos baços!

Quando assim vou pelos montes
Té me lastimam as feras...
Oh! que sombras no arvoredos!
E n'alma que primaveras!

IV

Nós somos loucos, não somos?
Desta louca poesia,
Desta riqueza dos pobres
Que se chama fantasia!

Ergamos pois nossa tenda
E nosso lar de pobreza
No mais ermo desses montes,
No fundo da natureza.

Se o frio apertar connosco,
Pois não temos mais calores,
Aqueceremos os membros
Na fogueira dos amores!

Se for grande a nossa sede,
Tão longe da *fonte fria*,
Contentar-nos-emos, filha,
Com as águas da poesia!

Assim à nossa pobreza
Daremos a Imensidade...
Que com isto se contente
Nossa pouca *seriedade*.

E, pois somos loucos, vamos
Atrás dos loucos mistérios...
Deixemos ricas cidades
Ao sério dos *homens sérios*!

Maria

(1864)

FAUST

Mein schönes Fräulein, darf ich wagen,
Meinen Arm und Geleit ihr anzutragen?

MARGARETE

Bin weder Fräulein, weder schön,
Kann ungeleitet nach Hause gehn.

Goethe

I

Tenho cantado esperanças...
Tenho falado d'amores...
Das saudades e dos sonhos
Com que embalo as minhas dores...

Entre os ventos suspirando
Vagas, ténues harmonias,
Tendes visto como correm
Minhas doudas fantasias.

E eu cuidei que era poesia
Todo esse louco sonhar...
Cuidei saber o que é vida
Só porque sei delirar...

Só porque à noite, dormindo
Ao seio d'uma visão,
Encontrava algum alívio,
Meu dorido coração,

Cuidei ser amor aquilo
E ser aquilo viver...
Oh! que sonhos que se abraçam
Quando se quer esquecer!

Eram fantasmas que a noite
Trouxe, e o dia já levou...
À luz d'estranha alvorada
Hoje minha alma acordou!

Esquecei aqueles cantos...
Só agora sei falar!
Perdoai-me esses delírios...
Só agora soube amar!

II

Amar! mas d'uns amores que têm vida...
Não serão vagos, trémulos harpejos,
Não serão só delírios e desejos
Duma douda cabeça escandecida...

Hão-de-se ver! e, como a luz fundida,
Penetrar o meu ser — não serão beijos
Dados no ar — delírios e desejos —
Mas amor... d'uns amores que têm vida.

Com eles hei-de andar no mundo: o dia
Não pode vir fundi-los nos meus braços
Como névoas ideais da fantasia.

Nem os dissipa o sol co'a luz erguida...
Pois que podem os astros dos espaços
Contra uns débeis amores... se têm vida?!

III

Vida! mas vida plácida,
E doce, e maviosa...
Bem como, à noite, os cânticos
Do rouxinol à rosa.

Vida! que os astros fúlgidos
Às terras invejaram,
Se nós a divulgáramos...
Se os astros a sonharam...

Vida! que as noites trémulas
Têm medo de acordar,
Tanto duvidam, vendo-nos,
Se é vida ou se é sonhar.

Vida! brando crepúsculo
E esplêndido clarão...
Dois extremos unindo-se
Num mesmo coração.

Vida! de sóis falando-se
Através do esplendor...
De flores namorando-se...
Vida... vida d'amor!

IV

Vós vedes que os meus cantos são singelos...
Fala neles agora o coração...
Eu ponho-me a escutar os seus segredos
E esquece-me compor minha canção.

Desaprendo poesia... e aprendo amores...
Lá se vai minha glória pelos ares!...
Mas que importam, querida, alguns maus versos
Se os ler teu coração e suspirares?...

Se entre essas duras sílabas mal postas,
Como por uma fenda, pode olhar-se,
Tu hás-de ver minha alma, lá no fundo,
Num lago d'harmonias a banhar-se!

E hás-de escutar meu coração saudoso,
Embora fale com voz triste e dura...
Muita vez, entre os ecos da montanha,
Se murmuram segredos da ventura.

Deixo correr meu canto sem que o prenda,
Ora a pé na devesa, ora entre flores:
Que importa aonde? é sempre a ti que falo...
Desaprendo poesia... e aprendo amores!

V

Novo amor, nova Musa. Outras poesias
Agora de meu peito me rebentam...
Noutro céu d'esperança, outras estrelas
Com melhor harmonia me adormentam.

Nova luz, que me rasga dentro d'alma,
D'um desejo melhor me veste a vida...
Outra fada celeste agora leva
Minha débil ventura adormecida.

Outros ventos do céu na minha harpa
Desferem, ao passar, mais belos cantos...
São outras as visões, e nos meus sonhos
Têm os anjos de luz mais puros mantos...

Nem eu sei se houve amor té este dia...
Nem eu sei se dormi até esta hora...
Mas, quando me roçou o teu vestido,
Abri o meu olhar — acordo agora! —

Meu fantástico sonho de beleza
À grande luz do dia ei-lo aparece!
A esperança, que eu pus entre as estrelas,
Sobre meu triste peito ei-la que desce!

Acordo — e nunca o sono, em seus delírios.
Me abriu palácio algum de claridade,
Com tão vastas abóbadas de brilho,
Como, hoje, esta imortal realidade!

Não sei que novos horizontes vejo...
Que pura e grande luz inunda a esfera...
Quem, nuvens deste inverno, nesse espaço,
Em flores vos mudou de primavera?!

A luz não é de Deus — é tua, filha,
Que, antes de ti, ninguém nunca me deu
Olhar que visse, coração que amasse,
E asas d'amor com que voar ao céu...

E se as aves do ar, pela manhã,
Se erguem e têm mais plácido trinado,
Se têm canto melhor — é que esta noite
Poisaram a dormir no teu telhado.

Se as noites nos enviam mais segredos,
Ao sacudir seus vaporosos mantos,
Se desprendem do seio mais suspiros...
É que dizem teu nome nos seus cantos.

Se as fontes têm mais belas harmonias
Ao lançarem sua água, desprendida
Com mais doce rumor —
E que todas as fontes, que murmuram,
Descem agora de teu seio, querida,
E são fontes d'amor!

VI

Minhas vãs esperanças alastraram
O chão endurecido...
Através de meu peito vê-se a alma,
Como um lírio pendido...

E através de meus olhos, quem olhasse
Para dentro, veria
Um escuro fantasma devorando
Cada raio do dia.

Eis de mim quanto resta — um peito aberto
E uma alma moribunda —
Em volta a sombra vem cerrando a noite
Da tristeza profunda.

Perdi quanto queria: em quanto cria
Perdi a fé também...
Meus pés vacilam, com incerto passo,
Nos caminhos do bem...

Ficaste-me tu só! no mundo inteiro
Eu já não tenho mais!
Mas bendirei meu nada, se escutares
Um só, um de meus ais...

Se escutares meus ais, só no teu seio
Porei meu Deus e altar;
E, noite e dia, minha Virgem-Santa,
Hás-de ouvir-me cantar.

Eu só te peço uma hora de piedade,
Que me queiras ouvir...
Suspende a minha vida dos teus olhos,
Senão deixo-a cair!

Deixo cair no chão a triste vida,
Se perco esta esperança...
Embala as minhas dores nos teus braços
Minha débil criança!

VII

Embala a fronte pálida
Do pobre sonhador,
Que desbotou cismando
Em misterioso amor...

Embala o seio aflito
Da triste poesia,
Que em vão estende as asas
Por ver a luz do dia...

Embala a alma opressa
De quem já não tem mais
No céu, do que as estrelas,
Na terra, que seus ais...

Embala no teu peito
A última esperança
De quem só vê no mundo
Teu riso de criança...

Embala nos teus braços
Minha última ilusão...
É leve — tem o peso
D'um ermo coração —

Embala, no teu berço
De paz e de inocência,
As minhas horas últimas
De inútil existência...

Embala as minhas dores,
Que, enfim, durmam também:
Sê, flor, meu universo,
Criança, a minha mãe!

VIII

Mãe — que adormente este viver dorido,
E me vele esta noite de tal frio...
E, com as mãos piedosas, até o fio
De meu pobre existir, meio partido...

Que me leve consigo, adormecido,
Ao passar pelo sítio mais sombrio...
Me banhe e lave a alma lá no rio
Da clara luz do seu olhar querido...

Eu dava o meu orgulho d'homem — dava
Minha estéril ciência, sem receio,
E em débil criancinha me tornava,

Sem vida e força, e sem querer também,
Se eu pudesse dormir sobre o teu seio,
Se tu fosses, querida, a minha mãe!

IX

Eu dormira inocente e descuidado,
Como as aves do céu e como as flores,
Se tivesse por leito os teus amores,
Em vez do duro chão do meu cuidado.

Sou homem — a desdita bem mo adverte...
Minha longa tristeza bem mo ensina...
Mas sobre o meu sofrer, ó lírio, inclina
O doce néctar que teu seio verte,

Deixa banhar-me a vida o teu perfume,
E o teu orvalho refrescar minha alma,
Deixa, lírio! e verás como se acalma
Este inferno interior de vivo lume.

Verás que é terra a lava do vulcão,
Onde podem vir flores de beleza...
Que o amor faz do lodo uma pureza...
E que é sempre criança o coração!

O coração! o pobre encarcerado!
Porque o prenderam, não lhe chames fera,
Que, se o vissem à luz da primavera,
Solto e livre, seria abençoado!

Se ruge e brada, é que está preso, e sofre...
Se blasfema, é que Deus não lhe aparece...
É como ouro de lei que se escurece
Longe da luz, fechado em negro cofre.

Mas esse ímpio, talvez, é bom e crente...
O forçado da vida é um poeta...
Esse mudo sombrio tem secreta
Em si uma voz doce d'inocente.

Esse doudo, que luta com o destino,
E se ergue e brada, e só de raiva chora,
Mais nada pede a Deus, em cada hora,
Que fazer-se criança e pequenino.

Criança no sonhar e na inocência...
Tão dócil que um olhar basta a levá-lo...
Uma palavra só a sossegá-lo
E adormecer-lhe a louca turbulência.

Como a ave que, voando em seu caminho,
Acha acanhada a extensão serena,
E à noite se conchega e faz pequena
E toda cabe num estreito ninho,

Pudesse ele minguar, meu coração!
Achar seu doce ninho que o prendesse!
Pudesse ele minguar — que te coubesse
Todo na estreita concha d'uma mão!

Eu dormira inocente e descuidado,
Como as aves do céu e como as flores,
Se tivesse por leito os teus amores,
Em vez do duro chão do meu cuidado.

X

SEIS MESES DEPOIS

Conclusão do Poema e da Ventura:

E não é sem razão...

Porque os poemas — mesmo os que se sonham —
Devem ter conclusão.

Porque os cantos mais belos dos Homeros
Devem finalizar...

E não é muito, pois, que estes maus versos
Se vão a acabar.

E as venturas, que apenas se imaginam,
E não vão mais além,
E ninguém sabe delas... essas mesmas
Devem ter fim também.

Uma nuvem, que passa levemente,
Que mal pode fazer?
Pequena e ténue, não desperta invejas...
E, entanto, há-de morrer!

Uns amores doidinhos de crianças,
Que mal sabem brincar,
Quem lhes sentiu o peso? a quem ofendem?
E, entanto, hão-de findar!

Um poema, sonhado entre as estrelas,
 À luz d'uma ilusão,
Também que custa a ouvir, que custa? e, entanto,
 Há-de ter conclusão!

Quando escrevi o título da obra,
 Logo ouvi segredar
Não sei que íntima voz, pressaga e triste,
 Que tinha d'acabar...

Pondo aqui este *fim* cumpro o que devo...
 Mas talvez não saibais
Que as rimas do meu canto, a pouco e pouco,
 Se tornaram em ais!

Os que fazem poemas gloriosos,
 Quando chegam ao fim,
Dizem talvez melhor do que eu — mas nunca
 Nenhum sofreu assim.

E se ao leitor o alegra ver o termo
Desta inútil canção,
A mim estas palavras derradeiras
Partem-me o coração!

XI

Ei-los, os cantos últimos,
O derradeiro adeus
De quem no amor extremo
Perdeu o último Deus.

«O homem altivo é forte,
«E é forte o coração...
«Mas em seus braços débeis
«Nem cabe uma ilusão;

«Mas nem sustém um engano
«A fronte desse rei...
«Ó nuvens do Ocidente
«Fugi, passai, correi!

«Passai, bem como as ondas
«Que vão pelo alto mar...
«Passai, como aos que choram
«Os leva o seu penar...

«Visões, que andais à tarde
«Rodando pelo céu,
«Bem como véus que acenam
«Por trás dum gineceu,

«Se alguém vos deu a altura
«E o brilho e a cor — olhai
«Que quanto há de formoso
«Não val sequer um ai!

«Não há já luz que dure!
«E não se pode crer
«Na chama das estrelas
«Que estão sempre a tremer;

«E o canto da ave mente,
«E mente o olhar da mãe
«Velando o pobre filho
«Que entre seus braços tem;

«Se é certo que eu no mundo
«Não tenho já onde ir...
«Se até os olhos dela
«Também podem mentir!»

XII

Muita gente me diz, a ver se acabo
Com os prantos que choro,
Que não valem os curtos anos dela
O meu comprido choro:

Que não me val deixar cair por terra
A viril confiança
Porque brincou com ela a mão vaidosa
D'uma débil criança...

Sábios amigos, que falais aos míseros
Na língua da ventura,
À vossa enorme ciência uma só cousa
Escapa — é a loucura!

Vós nunca entenderéis (que o amor, o mestre,
Aos sábios nunca o disse)
Que a causa do meu mal, e o que eu lamento
É essa criancice!

XIII

Pelas rugas da frente que medita...
Pelo olhar que interroga — e não vê nada...
Pela miséria e pela mão gelada
Que apaga a estrela que nossa alma fita...

Pelo estertor da chama que crepita
No último arranco d'uma luz minguada...
Pelo grito feroz da abandonada
Que uma hora, só, d'amante fez maldita...

Por quanto há de fatal; por quanto há misto
D'escuro e podridão sob uma lousa...
Ó pomba meiga e cor da esperança!

Eu to juro, menina! tenho visto
Cousas horríveis — mas jamais vi coisa
Mais feroz do que um riso de criança!

XIV

Mas que doçura que há nos teus abraços!
E, falsa, que meiguice em teus enganos...
Ah! pudesse eu dormir meus longos anos
Cativo d'ilusão... mas nos teus laços!

Teus olhos e tua alma mentirão...
Mas não mentem teus braços enlaçados...
Coubessem os meus sonhos aninhados
Dentro em teu mentiroso coração!

Teu coração! que doce e brando ninho!
Que eco tão belo aos sons da minha lira!
Como eu nele embalado me dormira...
Se ele fosse maior um poucachinho.

Como eu fora Poeta, e tu, menina,
Beatriz invejada, se eu pudesse
Rimar meu grande *amor*, que sempre cresce,
Com a tua *vaidade* pequenina.

Eu seria feliz, e tu contente
Se, à noite, juntos sob a luz de Deus,
Em vez de me calar, olhando os céus,
Dissesse um elegante cumprimento.

E seria o maior entre os primeiros,
Como as águias do ar alto e invejado,
Tão feliz como Deus, pois que era amado...
Se eu soubesse dançar bem os *lanceiros*!

Cantigas

(1864)

Así escribo en mi loco dasvario
Sin ton ni son, y para gusto mio.

El diablo mundo.

A GUITARRA

I

Três cordas tem a guitarra,
Uma d'ouro, outra de prata...
À terceira, que é de ferro,
Todos lhe chamam ingrata.

Ninguém faça ramalhetes
Com flores que hão-de murchar...
Ninguém tenha cordas d'ouro,
Se as não quer ver estalar!

Aprendam todos comigo
O que pode acontecer
A quem canta os seus amores
Num cabelo de mulher...

Das três cordas da guitarra
Só a terceira dá ais...
Bastou-me um amor na vida,
Um só amor e não mais!

Quantas folhas tem a rosa?
Quantos raios tem o sol?
De quantas ervas do monte
Faz o ninho o rouxinol?

Quantas ondas d'água amarga,
De tantas que andam no mar,
Quantas ondas são precisas
Para um homem se afogar?

Dizei-me, ó rosas do monte,
E ondas que andais a fugir,
Quantos amores se querem
Para um peito se partir?

Não sei quantos peitos tenho,
Nem já quantos corações...
Mas não cabem dentro deles
Minhas grandes aflições!

Quem tem vida para isto
Mais valia não a ter!
Palavras leva-as o vento...
Quem as pudera esquecer!

Das três cordas da guitarra
Uma chora, outra dá ais...
Bastou-me um amor na vida,
Um só amor e não mais!

II

Guitarra, minha guitarra,
Quem as cordas te estalou?
Acabe-se esta cantiga
Aonde o amor se acabou!

III

Lindas águas do Mondego,
Por cima olivais do monte!
Quando as águas vão crescidas
Ninguém passa além da ponte!

Ó rio, rio da vida,
Quem te fora atravessar!
Vais tão cheio de tristezas...
Ninguém te pode passar!

Mas dize tu, ó Mondego,
Pois todos levam seu fado,
Tu que foges e eu que fico,
Qual de nós vai mais pesado?

Tu, ao som dos teus salgueiros,
Levas as tuas areias...
Eu, ao som dos meus desgostos,
Levo estas negras ideias...

Debaixo do arco grande,
Onde a água faz remanso,
Tem paz certa qualquer triste
Que ande à busca de descanso.

O luar bate no rio;
Tem um mágico fulgor...
Não há assim véu de noiva,
Nem há mortalha melhor!

Lindas areias do rio!
Uma trás d'outra a fugir,
Vão direitas dar ao mar...
Ah! quem pudera dormir!

Quem tiver amores tristes
E andar roto a mendigar,
Dá-lhe a água um brando leito
E há-de vesti-lo o luar!

À noite, o salgueiro é negro...
Com o vento meneando,
Parecem filas de frades,
Todos em coro rezando.

Ó frade, fecha o teu livro,
Vai caminho do teu fim...
Que eu já tenho quem me enterre,
Mais quem me reze latim!

Lindas águas do Mondego,
E os salgueiros a cantar!
Quando a cheia é de tristezas
Ninguém a pode passar!

IV

Guitarra, minha guitarra,
Quem te havia de estalar?!
Bem se acaba uma cantiga...
O amor não quer acabar!

V

Vou morrer — mas não desejo
Campa nobre alevantada...
Cavem minha sepultura
No seio da minha amada!

Sejam-me círios brilhantes,
Quando me for a enterrar,
Os seus olhos tão formosos,
Tristes por mim a chorar!

Que não me queimem incenso,
Entre cantos funerais...
Eu não quero outro perfume
Mais que o incenso de seus ais!

Não se oiçam os graves sinos
Dobrando com grande dor...
Basta que no peito dela
Dobrem saudades d'amor!

Não quero (sinal funesto!)
Cruzeiros alevantados...
Sejam-me cruz os seus braços
Sobre meu corpo encruzados!

Foi nessa cruz que esperei,
Enquanto esperar podia...
Se não foi cruz da esperança,
Seja-me cruz da agonia!

Não quero me dêem sombra
Negros ciprestes erguidos...
Bastam-me, enquanto eu dormir
Os seus cabelos caídos!

Envolva meu corpo morto,
Como perfumado véu,
Essa teia d'ouro, aonde
A vida se me prendeu...

É coisa justa, menina,
Que esta defunta paixão,
Já que sem pena a mataste,
Se enterre em teu coração!

VI

Guitarra, minha guitarra,
Já que a corda te estalou,
Pode acabar a cantiga
Aonde o amor acabou!

AO LUAR

I

Dorme tu, que eu velo, amor!
Não sei quem me pôs no leito
Espinhos sob o meu corpo,
Desgostos dentro do peito...

Mal que o sono entra comigo
Começo logo a sonhar...
Contigo é que eu sonho, filha,
Vê se posso descansar!

Este coração cansado!
O que ele quer é dormir...
Por esses mundos da vida,
Na asa dos sonhos fugir!

O que ele quer é deitar-se
No leito do esquecimento...
Oh! com que cantos, à noite,
Não nos adormece o vento!

Mas o desgosto não deixa,
Não quer deixá-lo sonhar...
— «Ergue-te tu, coração,
Vem ver a luz do luar!» —

Lindas noites de luar!
Vou sentar-me à tua porta,
Como um pai se senta imóvel
Na campa da filha morta.

Já meus olhos me não choram,
Já não suspira meu peito...
Para espalhar meus desgostos
Acho o mundo todo estreito!

Inda que eu fosse uma estrela
Por esse espaço a correr,
Sempre e sempre, anos e anos,
Nunca te havia de ver!

Inda que fosses um astro,
E eu por ti a suspirar,
Sempre e sempre, anos e anos,
Nunca me havias de amar!

Há dois amores na vida,
Como há dois astros no céu...
Só com um deles se morre...
Não hás-de morrer do teu!

O sol, esse sim, que escalda!
A lua não tem calor...
Bem sei que o amor abrasa...
Não é sol o teu amor!

Ai, dorme, dorme, que eu velo!
Não posso dormir num leito
Todo d'agudos espinhos,
Que me estão varando o peito!

II

A lua, essa é que não dorme!
Essa não pode quedar!
Parece que tem amores...
Que não sabe descansar!

O céu, o céu é tão grande!
O peito é tão solitário!
Assim é que vamos ambos,
Cada qual com seu fadário!

Não morre a ave de fome
No meio da natureza...
Só nós somos dois mendigos...
Tanta luz e tal pobreza!

Não morre a fera nos bosques,
Não morre a fera, mulher,
Sem ter amado e vivido...
Só eu morro sem te ver!

Eu sou pobre como as ervas
Dos montes, por fins de estio...
Como os astros, que não param...
Como as areias do rio...

Da minha herança perdida
Só três jóias me ficaram...
Como o mundo as não prezasse,
Nunca lá mas cobiçaram...

A primeira era a Esperança,
Era a segunda a Alegria...
A terceira, a Liberdade,
Nem ao rei a venderia!

As duas jóias primeiras
Tu mas quiseste roubar...
Deixa-me a outra — que eu possa
Em liberdade chorar!

Das bandas do vento Norte
Vêm as nuvens a correr...
Deixa-me livre ser triste,
E livremente morrer!

LIMOEIRO VERDE

I

Limoeiro, verde, verde,
Que às praias do mar nasceu...
A onda aos pés a chorar-lhe,
E ele a crescer para o céu!

A noite no mar é negra...
Ouvem-se ventos carpir...
Os frutos do limoeiro
São estrelas a luzir!

Para colher as estrelas,
Com asas d'anjo subi...
Por elas perdi o tino,
E por elas me perdi!

São estrelas os seus frutos,
Ninguém os pode colher...
Lindos... que cegam os olhos!
Doces... que fazem morrer!

Por isso é que a onda geme,
Por isso é que ela gemeu:
Que lhe adoçasse a amargura
Um desses frutos do céu!

Limão doce, limão doce,
Que te importa a água do mar?
Todas as cidras do Oriente
Não a podem adoçar!

Todas as lágrimas doces
Que caem no coração,
Não bastam, não, não adoçam
Uma gota de traição!

A água do mar é salgada,
Tem bem amargo sabor...
Parece que as mesmas ondas
Também padecem d'amor!

Também choram todo o dia,
Também se estão a queixar,
Também, à luz das estrelas,
Toda a noite a suspirar!

Ai! como a onda suspira...
Como gemendo morreu...
O limoeiro, esse cresce,
Cresce, cresce para o céu!

Os seus frutos são estrelas,
Ninguém os pode colher...
Quem sobe com asas d'anjo
É para melhor morrer!

Quem tem um peito tão grande
Como o leito desse mar,
É para melhor ser triste,
E para melhor penar!

II

Mas a ti, ó limoeiro,
Que te importa a água do mar?
Tu para o céu vais crescendo...
Ela o que sabe é chorar!

Só quem sabe o que são lágrimas,
Só esse sabe o que é amor...
Mas as ondas, mas as lágrimas
São amargas como a dor!

A laranjeira dá sombra;
O limoeiro esse não...
Crescido na areia ardente,
Sua sombra é a traição!

Ninguém colha os frutos d'oiro,
Que há-de as mãos ambas ferir...
Ninguém suba ao limoeiro,
Que o ramo lhe há-de partir...

Ninguém cuide ter nos ombros
Asas que um anjo lhe deu...
Não há árvore no mundo,
Que possa chegar ao céu!

Há uma só, há só uma,
E é por divino favor...
Mas essa ninguém lhe chega:
É a árvore do amor!

Ai! a onda, essa, coitada,
O mais que faz é gemer!
Cada vez mais amargosa,
Já nem se pode beber.

Quem tiver amores tristes
Venha ouvir gemer o mar;
Porque a amargura das ondas
Há-de-lhe a dor adoçar.

Poesias diversas

I

AMOR ALEGRE

(CONSELHOS A UMA MENINA MELANCÓLICA)

Deixemo-nos de nébias — enterremos
As antigas paixões!

É d'ar puro e de luz que nós vivemos...
E nossos corações

De luminoso amor, d'amor contente,
Disso querem viver eternamente!

Viver de flores, como insecto alado...
E, como ave, de cantos

Viver de beijos, de prazer sagrado...
Sim, de prazeres santos,

Como homem que embala noite e dia
O fecundo regaço da alegria!

Serena fonte, que nos banha a vida
Em dulcíssimas águas:

E, através da existência dolorida,
Nos lava as velhas mágoas...

A alma parece nova: e limpa e bela,
Brilha em face de Deus, como uma estrela!

Brilha em face do mundo! Resplandece
 Como lúcida aurora!
É o sol da ventura, que alvorece!
 Vale e monte colora
Co'as mil cores do íris da bonança...
E as mil do íris d'alma — a esperança!

Amor que espera e crê... amor ditoso...
 Quer Deus que se ame assim!
Dormir no mundo o sono mavioso
 De prazeres sem fim...
Passar como em triunfo, em mago enleio,
Mãos unidas e seio contra seio...

Põe teus olhos nos meus, para que eu veja
 Luz melhor que a do céu...
O que dentro em teu peito rumoreja
 Tudo, é tudo meu!
Meus são teus ais e minha essa harmonia
A que chamas amor, e eu poesia.

Poesia não são lágrimas... são beijos...
 E abraços também...
Paixões não são suspiros... são desejos...
 Quantos a vida tem!
Compõe com tuas mãos minha poesia
De paixão e de beijos e alegria.

Vem comigo na vida! Hei-de levar-te
 Por caminhos de flores..
Cantará para ti, por toda a parte,
 Um viveiro d'amores...
Eu sei o que é amor! estes conselhos
Amor tos dá — deixa falar os velhos!

Deixa, deixa-os dizer, os *velhos sábios*,
Que só sabem chorar!
Mulher bela, se Deus te pôs nos lábios
Botão de flor sem par,
Flor de luz e ventura... é por que o riso
A abra e transforme em flor do Paraíso!

1864.

II

NUVENS DA TARDE

Aquelas nuvens, que voam,
Ninguém pode pôr-lhes mão...
São como as horas que soam,
E as aves, que em bando vão...
Como a folha desprendida,
E como os sonhos da vida,
Aquelas nuvens que voam...

Às vezes o sol, que as doura,
Parece à glória levá-las...
Mas surge o vento e, num'hora,
Já ninguém pode avistá-las!
É um convite enganoso,
Às vezes, o sol que as doura!

Tantos castelos caídos!
Tantas visões dissipadas!
Gigantes, heróis perdidos,
Que mal sustêm as espadas!
Faz pena ver, lá no monte,
Nas ruínas do horizonte,
Tantos castelos caídos!

E as donzelas lastimosas,
Que vão fugindo transidas!
Quem fogem elas ansiosas?
Que buscam elas perdidas?
Ó romances fugidios!
Vejo os tiranos sombrios,
E as donzelas lastimosas!

Aquelas nuvens que vemos,
Esses poemas aéreos,
São os sonhos que nós temos,
Nossos íntimos mistérios!
São espelhos flutuantes
Das nossas dores constantes
Aquelas nuvens que vemos...

Nossa alma vai-se com elas,
À procura, quem o sabe?
D'outras esferas mais belas,
Já que no mundo não cabe...
Voando, sem dar um grito,
Através desse infinito,
Nossa alma vai-se com elas!

III

METEMPSICOSE

Ardentes filhas do prazer, dizei-me!
Vossos sonhos quais são, depois da orgia?
Acaso nunca a imagem fugidia
Do que fostes, em vós se agita e freme?

Noutra vida e outra esfera, onde geme
Outro vento, e se acende um outro dia,
Que corpo tínheis? que matéria fria
Vossa alma incendiou, com fogo estreme?

Vós fostes nas florestas bravas feras,
Arrastando, leas ou panteras,
De dentadas d'amor um corpo exangue...

Mordei pois esta carne palpitante,
Feras feitas de gaze flutuante!
Lobas! leas! sim, bebei meu sangue!

186...

IV

DO INGLÊS DE EDGAR POE

Não sei se era teu seio ilha encantada...
Paraíso de canto,
De perfume, d'amor e formosura...
Se um templo à beira-mar... um templo santo,
De luz e aroma cheio!
Não sei... pois sabe alguém sua ventura?
Mas dormia embalada no teu seio
Minh'alma sossegada.

Um suspiro... uma prece...
Leva-os o vento pela noite escura!
Sonho!... um sonho que esquece!
Mas não se esquece o sonho da Ventura!
Que fantasma nos brada — *avante! avante!*
Esquecer! esquecer! — ?
O coração não quer!

Não quer... não pode... luta vacilante!
Onde teve seu ninho e seu amor,
Aí há-de ficar, sombrio, incerto...
Há-de ficar, pairar no céu deserto,
Ave eterna de dor!

— Nunca mais! nunca mais!
Que diz a onda à praia? há um destino
Triste, partido, em seu gemer divino,
E um mistério infeliz naqueles ais!
— Nunca mais! nunca mais!
E o coração que diz às mortas flores
Do seu jardim d'amores?
Como a onda — *jamaiz!*

Se eu pudesse sonhar? Ah! posso ainda
 Sonhar... se for contigo!
Sempre! sempre a meu lado, imagem linda...
A noite é longa... vem falar comigo!
 Estende os teus cabelos...
O céu da tua Itália, não, não brilha
Como brilham meus sonhos, vagos, belos,
Se me falas à noite em sonhos, filha!

Levaram-te! levou-te a onda dos mares!
 A asa da águia! o vento!
Geme cativa — chora sem alento,
Pomba d'amor, saudosa dos teus lares!
Teu ninho agora é triste, glacial...
 Um leito conjugal!

Antes a terra escura, pobre escrava,
Aonde — sob a abóbada sombria —
Tua alma os voos livres estendia...
 E o coração amava!

1864.

V

INTIMIDADE

Quando, sorrindo, vais passando, e toda
Essa gente te mira cobiçosa,
És bela — e se te não comparo à rosa,
É que a rosa, bem vês, passou de moda...

Anda-me às vezes a cabeça à roda,
Atrás de ti também, flor caprichosa!
Nem pode haver, na multidão ruidosa,
Coisa mais linda, mais absurda e douda.

Mas é na intimidade e no segredo,
Quando tu coras e sorris a medo,
Que me apraz ver-te e que te adoro, flor!

E não te quero nunca tanto (ouve isto)
Como quando por ti, por mim, por Cristo,
Juras — mentindo — que me tens amor...

186...

VI

IN URNA PERPETUUM VER

Sempre que penso na morte
Sinto a alma estremecer,
Porque me lembro, querida,
Que também hás-de morrer..

Estremece, de contente,
Minh'alma no coração:
Sinto o amor mais apurado,
Sinto mais viva a paixão!

Há calor nas cinzas frias,
Há um estranho calor,
Quando as consumiu a vida
À chama santa do amor...

Nosso delírio fantástico,
Que não teve aqui lugar,
Connosco havemos levá-lo
Para lá nos animar.

Para nós a morte extrema
É começo, não é fim...
Verás se te não respondo
Mal que tu chames por mim...

Mortos somos nós agora,
Que nem podemos falar,
E a medo até escutamos
O coração palpitar!

Ninguém viu as nossas asas,
Tão encolhidas estão!
Mas o negro céu da morte
Tem uma livre extensão!

Abaixo do chão dez palmos
Já não têm poder as leis,
As leis que os homens puseram
Em seus códigos cruéis...

Tua mão, que nunca em vida
Pude na minha apertar,
Há-de ali eternamente
Sobre a minha mão pousar!

E um sopro da boca morta,
Sem falas, me há-de dizer,
Em língua que não é d'homens:
«Nunca mais te hei-de perder!»

Como o túmulo é estreito...
E é um mundo para nós!
Este universo é que é túmulo
Se eu não ouço a tua voz...

Com que paz religiosa,
Com que limpo coração,
Entraremos silenciosos
Na nocturna região!

Livre espaço inalterável,
E livre, estranho fulgor!
A asa negra da Morte
Roça na asa do Amor!

.

Tu pensas sempre na morte,
Eu não tenho outro pensar...
Ah! seja este pensamento
Nossa maneira d'amar!

18...

VII

ENQUANTO OUTROS COMBATEM

Empunhasse eu a espada dos valentes!
Impelisse-me a acção, embriagado,
Por esses campos onde a Morte e o Fado
Dão a lei aos reis trémulos e às gentes!

Respirariam meus pulmões contentes
O ar de fogo do circo ensanguentado...
Ou caíra radioso, amortalhado
Na fulva luz dos gládios reluzentes!

Já não veria dissipar-se a aurora
De meus inúteis anos, sem uma hora
Viver mais que de sonhos e ansiedade!

Já não veria em minhas mãos piedosas
Desfolhar-se, uma a uma, as tristes rosas
Desta pálida e estéril mocidade!

1864.

VIII

A UMA MULHER

Para tristezas, para dor nasceste.
Podia a sorte pôr-te o berço estreito
Nalgum palácio, e ao pé de régio leito,
Em vez deste areal onde cresceste:

Podia abrir-te as flores — com que veste
As ricas e as felizes — nesse peito;
Fazer-te... o que a Fortuna há sempre feito...
Terias sempre a sorte que tiveste!

Tinhas de ser assim... Teus olhos fitos,
Que não são deste mundo e onde eu leio
Uns mistérios tão tristes e infinitos,

Tua voz rara, e esse ar vago e esquecido,
Tudo me diz a mim, e assim o creio,
Que para *isto só* tinhas nascido!

18...

IX

AMOR NO MAR

Quem és, ondina, que eu em sonho abraço?
Atiro o coração ao largo mar,
A ver se acho alguma onda, em seu rolar,
Que mo leve consigo pelo espaço...

Porque as ondas são fadas encobertas
Sob as gazes da espuma, essa alva teia,
Que ora adormecem com a lua cheia,
Ora ao clarão do sol vogam despertadas...

São mouras encantadas sob as águas,
Em seus vales azuis de húmidas flores...
Que ora cantam na praia seus amores,
Ora choram ao longo ignotas mágoas...

São almas descasadas a buscarem-se,
Sempre em giro através do infinito...
Correndo sob os cabos de granito,
Como em sonhos ideais a afagarem-se...

São vozes de tristeza, que têm vida,
E vidas que a tristeza vai levando...
D'aves fugidas lutuoso bando,
Que se alonga da praia esmaecida...

São amores, que passam invisíveis...
Suspiros, que se dão sem ser ouvidos...
Ecos do coração, meio sumidos
Ao quebrar-se nas rochas impassíveis...

É viagem de mar esta que eu faço!
Eu das pérfidas ondas só me fio,
Que bem lhes vejo as lágrimas em fio
Escorrerem da rocha sobre o espaço...

Da minha vida as mentirosas flores
Colho-as ali, naqueles vales frios,
E em seus berços d'espuma fugidios
É que embalo meus pálidos amores!

Seu duvidoso brilho é quem me leva...
Sua fuga traiçoeira é quem me prende...
Num pingo d'água se balança e pende
Minha alma, suspendida sobre a treva...

Mais se ama quem mais foge. As curtas horas
De nossas ilusões... eis nossa glória...
Só quanto nos traiu deixa memória...
Adoro as ondas... porque são traidoras...

Amor é água pérfida, mas bela,
Mas cheia de harmonias. Vai, minha alma...
— Um momento de vida e luz e calma! —
Sepulta-te depois no fundo dela...

Só te peço que *saibas* enganar...
Uma hora só — mas d'um engano amigo...
Onda d'amor, leva-me tu contigo...
Oh! levai-me convosco, ondas do mar!

1864.

X

VELUT UMBRA

(A JOÃO DE DEUS)

Fumo e cismo. Os castelos do horizonte
Erguem-se à tarde e crescem, de mil cores,
E ora espalham no céu vivos ardores,
Ora fumam, vulcões de estranho monte...

Depois, que formas vagas vêm defronte,
Que parecem sonhar loucos amores?
Almas que vão, por entre luz e horrores,
Passando a barca desse aéreo Aqueronte...

Apago o meu charuto quando apagas
Teu facho, ó sol... ficamos todos sós...
É nesta solidão que me consumo!

Ó nuvens do ocidente, ó coisas vagas,
Bem vos entendo a cor, pois, como a vós,
Beleza e altura se me vão em fumo!

1863.

RESPOSTA

(DE JOÃO DE DEUS)

Em fumo se vai tudo, amigo! Olhando
Para as nuvens do céu, nuvens daquelas,
E até não sei se diga que mais belas,
Anda a gente fazendo e desmanchando!

Dá-me uma saudade em me lembrando
Do belo tempo que passei com elas,
Por essa imensa abóbada de estrelas,
Por esse mar de fogo viajando!

Andasse ainda eu lá, que não me havia
De ver por estes charcos atolado,
Onde nem sol nem lua me alumia!

Andasse ainda eu lá... desenganado,
Mesmo já como estou, de achar um dia
A pátria de onde ando desterrado!

XI

UNE FEMME QUI TOMBE...

Quem te deitou, inocente,
Tremendo de frio e dor,
Sobre o monturo da vida
Como coisa sem valor;

E essa face dolorida
Te fez empalidecer
Com o olhado da miséria,
Com o beijo do sofrer;

Pôde gelar-te esses membros,
Encher-te de palidez,
Furtar-te o chão da existência,
Cad'hora, de sob os pés;

Mas o que essa mão não pôde,
Com a gelada pressão,
Foi tirar-te o dom das lágrimas,
Foi secar-te o coração!

Chora pois... Deus vê as almas!
O mais é coisa mortal...
Vê-as sós — quer os ais saiam
Do palácio ou do hospital.

Sua mão, se faz estrelas,
É d'almas que anda a colher...
E, pois o espírito sobe,
Bem pode o corpo descer!

Que importa onde os pés se firmem,
Se é por que o olhar se erga à luz?
Bem podre é o chão dos mortos,
E mais lá se hasteia a cruz!

Como aos poços mais sombrios
Chega um raio de luar,
Podem também nascer lírios
À porta d'um lupanar...

E os seios, que o mundo compra
No crapuloso leilão
A que preside a miséria...
Podem ter um coração!

Temos todos visto, às vezes,
Sair uma luz ideal
De cabeças que se encostam
Na enxerga d'um hospital!

Ah! deixa correr teu pranto
Sobre o chão do lupanar...
É sementeira de dores
Que andas, triste, a semear.

Mas passe o *inverno* por cima...
Que a *primavera* há-de vir!
As dores, que tu semeias,
É no céu que hão-de florir!

Oh! há lá quem conte as lágrimas
Que aqui se vão a chorar!
Debaixo de nossos olhos
Anda-as Deus sempre a aparar...

Eu creio na providência!
O tronco seco da cruz
Rebenta no paraíso
Para dar flores de luz!

Às faces que empalidecem
Há-de as Deus inda corar
Com o reflexo dos círios
Que ardem lá no seu altar!

E se os olhos se anuviam
Escurecendo-se — Deus
Faz dos escuros da terra
A aurora eterna dos céus!

1863.

XII

UMA AMIGA

Aqueles que eu amei, não sei que vento
Os dispersou no mundo, que os não vejo...
Estendo os braços e nas trevas beijo
Visões que à noite evoca o sentimento...

Outros me causam mais cruel tormento
Que a saudade dos mortos... que eu invejo...
Passam por mim... mas como que têm pejo
Da minha soledade e abatimento!

Daquela primavera venturosa
Não resta uma flor só, uma só rosa...
Tudo o vento varreu, queimou o gelo!

Tu só foste fiel — tu, como dantes,
Inda volves teus olhos radiantes...
Para ver o meu mal... e escarnecê-lo!

18...

XIII

DAS UNNENNBARE

Ó quimera, que passas embalada
Na onda de meus sonhos dolorosos,
E roças c'os vestidos vaporosos
A minha frente pálida e cansada!

Leva-te o ar da noite sossegada...
Pergunto em vão, com olhos ansiosos,
Que nome é que te dão os venturosos
No teu país, misteriosa fada!

Mas que destino o meu! e que luz baça
A desta aurora, igual à do sol posto,
Onde só nuvem pálida esvoaça!

Que nem a noite uma ilusão consinta!
Que só de longe e em sonhos te pressinta...
E nem em sonhos possa ver-te o rosto!

1864.

XIV

A UMA POETISA

Poesia! mas poesia que console,
E a alma acalente em berço d'harmonias!
E doire a lassa fronte a nossos dias,
Como às manhãs d'inverno doira o sol...

Dessa que Deus revela aos inocentes...
Como a gente a sonhou na sua infância...
Que anda a boiar em ondas de fragrância
— Cruz sobre uns seios virginais, trementes...

Que à palavra só pede esse gemido
Que a pomba pede ao ar, se o voo levanta...
E adivinha, co'o instinto da alma santa,
Quanto à alma ficou do Éden perdido...

Dessa que, quando dói, tanto consola,
E às sombras do viver dá seu crepúsculo...
E da face distende cada músculo...
E é, em ermo pinhal, canto de rola...

Como aquela mulher de Samaria
Em cujas mãos bebeu Cristo, sequioso...
E como o doce olhar, longo e mavioso,
Com que nos cobre a pálida Maria...

Poesia, que não se ergue tumultuosa,
Nem luta, nem arqueja no delírio,
Mas se abre dentro d'alma, como lírio,
Ou primeiro sorriso d'uma esposa...

Fina gaze do véu d'alguma santa,
Que nos mostra uma estrela em cada ponto...
Manto d'ouro de fada d'algum conto,
Que em cada fio tem uma harpa, e canta...

Debaixo da palavra a alma palpita,
Como o sangue nas veias dum infante;
E vê-se o coração, a cada instante,
Lançando, ao perpassar, luz infinita!

Desta poesia, sim! que nos eleva,
Sem se ver com que mão, e alivia
De quanta sombra cobre o nosso dia,
Quanta nuvem na face o sol nos leva!

Desta poesia, sim! que a gente chora
Sem se ver com que lágrimas — e fica
Como ao sair d'um sonho — e não se explica,
Nem se estuda, nem lê... mas só se adora!

Ó poetas, poetas! desse coro
De cantores febris, qual é de vós
Que encontrou já no ar aquela voz,
Um tal misto d'amor e de sons d'ouro?

Debaixo dessas mãos d'artista, ardentes,
A palavra palpita e vê-se a ideia...
Mas amar! mas sonhar! e, à lua cheia,
Às visões apalpar os véus trementes!...

Mas vazar, num só *ai*, todo o infinito!...
À luz do coração, mostrar o Imenso!...
Cobrir de flores o deserto extenso!...
E, num suspiro só, por Deus escrito!

Mulher! mulher! a alma é que adivinha!
Dize-me então (se alguém não to há vedado)
De que flores se faz esse relvado
Sobre que a alma pelo céu caminha?

Porque, antes de se abrir o mundo vasto
Às revoltas paixões da humanidade,
Já, nas dobras do manto, a imensidade
Tinha a poesia do que é santo e casto!

Corações de mulher! vós a sonhastes
— Muito antes de haver rimas — suspirando,
Ou seguindo co'o olhar o aéreo bando
D'aves d'amor, que d'alma ao céu soltastes!...

Ou inclinadas sobre o berço estreito,
Onde se incuba o poema do futuro...
Ou dando a mão ao sofrimento escuro...
Ou dando toda a luz ao escuro peito...

Poética de vida e sangue e tudo!
Que só tomou por lei o livre Amor...
E escreve as epopeias numa flor...
E não quer mais que um *ai* por todo o estudo!

Andam ali os mundos encobertos,
Que um só olhar amante patenteia...
E a luz que doira muita escura ideia...
E essas fontes que nascem nos desertos...

Vós trouxei-la no seio — e se a contemplo,
Mais que a Virgem ideal da meia-idade,
Não acho em todo o mundo uma cidade
Onde possa elevar-lhe altar e templo.

Mistérios... se d'amor... também profundos!...
Oh! quem me dera a mim — crente, que espera,
Sem ver ainda a luz — oh! quem me dera
Essa ignorância... que descobre mundos!

1864.

XV

A UNS QUINZE ANOS

Eu amo a vasta sombra das montanhas,
Que estendem sobre os largos continentes
Os seus braços de rocha negra, ingentes,
Bem como braços colossais de aranhas.

Dali o nosso olhar vê tão estranhas
Coisas por esse céu! e tão ardentes
Visões, lá nesse mar d'ondas trementes!
E às estrelas, dali, vê-as tamanhas!

Amo a grandeza tenebrosa e vasta:
A grande ideia, como um grande fruto
D'árvore colossal, que isto domina...

Mas tu, criança, sê tu boa... e basta:
Sabe amar e sorrir: mulher, é muito!
Mas a ti só te quero pequenina!

1863.

XVI

DESPONDENCY

Deixá-la ir, a ave, a quem roubaram
Ninho e filhos e tudo, sem piedade...
Que a leve o ar sem fim da soledade
Onde as asas partidas a levaram...

Deixá-la ir, a vela, que arrojaram
Os tufões pelo mar, na escuridade,
Quando a noite surgiu da imensidade,
Quando os ventos do Sul se levantaram...

Deixá-la ir, a alma lastimosa,
Que perdeu fé e paz e confiança,
À morte queda, à morte silenciosa...

Deixá-la ir, a nota despreendida
D'um canto extremo... e a última esperança...
E a vida... e o amor... deixá-la ir, a vida!

1864.

XVII

A CARLOS BAUDELAIRE

(AUTOR DAS «FLORES DO MAL»)

Ó Carlos Baudelaire! ó poeta impassível!
Fino lábio a sorrir, sob um estranho olhar!
Tua boca descreve o criminoso, o horrível,
Enquanto a tua voz parece só cantar...

Indiferente vais, como a desdém, pisando
Um chão de vício e horror, com passo virginal.
Na tua mão *gantée* trazes, como brincando,
Um sinistro *bouquet*, a negra *flor do mal*!

O tétrico — o que faz arrefecer no peito
O coração dos mais — poeta, é para ti
Só pretexto, talvez, d'algum feliz conceito,
Um verso original, uma rima que ri...

Dante do Boulevard, cantas o desespero
Ao som duma ária vã, como um fútil rondó...
Pintor, deixas-nos ver a alma escura de Nero
Com o *négligé* e a cor de Boucher ou Watteau...

Essa fronte de neve, esse crânio de gelo,
Se os estalasse alguém, veria, creio eu,
Surgir disforme ser — Byron, Polichinelo,
Confundidos num só, co'a face d'Asmodeu!

É o mal com consciência, e tanta, e tão terrível
Que dá na afectação, nas frases *recocó*...
E esse olhar fixo e estranho e essa fronte impassível
Causam frio mortal, mais do que pranto e dó...

Sim, à luz da alvorada e em plena primavera,
Ver só o insecto vil, que rói a bela flor,
(Em despeito do estilo e da rima severa)
Não se faz sem sofrer... tu conheces a dor!

Tu sabes o que é dor, ó sereno estilista!
Sob o fraque do dândi há em ti, bem o vês,
Um poeta, um leão, um demónio, que o artista
Pode a custo conter, domar, calcar aos pés!

Considero esse olhar indizível e fito,
E esse lábio cruel... e parece-me ouvir:
— «Nesta vida sem Deus, neste mundo maldito,
Já não há que chorar... o melhor é sorrir!» —

Habita dentro em ti, mudo mas implacável,
Como um remorso antigo, um pensamento atroz...
É o velho pecado, a herança inexpiável
Do mal das gerações, dos vícios dos avós!

És o símbolo, tu, d'um século fantasma,
Tão sábio que é ateu, e já não quer chorar..
Que tem cãs sem ser velho, e que de nada pasma,
Olhando o mundo à luz do gás do Boulevard...

Somos todos assim — um triste olhar que chora,
E encobre, chocarreira, a luneta do tom...
Um esqueleto frio e horrível — mas por fora
Irréprochablement vestido à Bénoiton!...

186...

XVIII

VERSOS

ESCRITOS NUM EXEMPLAR DAS «FLORES DO MAL»

As flores que nossa alma descuidada
Colhe na mocidade com mão casta,
São belas, sim: basta aspirá-las, basta
Uma vez, fica a gente enfeitiçada.

Nascem num prado ou riba sossegada,
Sob um céu puro e luz serena e vasta;
Têm fragrância subtil, mas nunca exausta,
Falam d'Amor e Bem à alma enlevada...

Mas as flores nascidas sobre o asfalto
Dessas ruas, no pó e entre o bulício,
Sem ar, sem luz, sem um sorrir do alto,

Que têm elas, que assim nos endoidecem,
Têm o que mais as almas apetezem...
Têm o aroma irritante e acre do Vício!

186...

XIX

SAUDADES PAGÃS

I

Visões! sonhos antigos!
Quando a Terra,
Na inocência primeira de seus anos,
Entre flores dormia... e era seu berço
O seio de mil deuses! Quando a vida
No coração dos homens sem esforço,
Se abria como um lotus, todo cheio
Dos raios do luar e dos segredos
Do vaporoso espírito das noites!

Quando um tronco era peito comovido,
E a montanha um Áugur, e a rocha oráculo:
E não se achava um só bago de areia
Que não estremecesse e não sentisse
Agitar-se-lhe dentro a alma confusa
Quando os Orfeus passavam, silenciosos,
Por entre os arvoredos, meditando!

Saía então da Terra um grande espírito:
Havia em tudo uma expressão profunda:
Nem era muda a vastidão do mundo.
Como um canto que fere as cordas todas
D'uma harpa sonora, uma mesma alma
Através do Universo ia acordando,
Em peito, árvore, pedra, e céu e onda,
As mil notas, diversas mas cadentes,
D'uma mesma harmonia — o hino da Vida!

Era a *cidade ideal* da Natureza!
Seu povo, a criação; seu templo, o espaço;
E muralhas em volta, circundando-a,
D'um lado ao outro os livres horizontes!
Era a cidade ideal! a Lei eterna
Banhava-a sempre numa aurora imensa,

Quando um povo de deuses, radiante
De mocidade e brilho, caminhava
Por entre as multidões — e o solo heróico,
Teu solo sacrossanto, ó Grécia antiga,
Como um sublime palco, sob os passos
Dos actores divinos ressoava!

II

Ela era então formosa, a Vida! e a Terra,
Noiva de heróis, abria o seu regaço,
Por que os filhos de Alcides, ao passarem
Das longínquas conquistas, lhe lançassem
Como dons nupciais os grandes feitos...
Os feitos dos heróis! E a alma dos deuses,
Oculta dentro deles, murmurava
Por alta noite, entre as visões do sonho,
Confusa profecia! o canto vago
Das legendas futuras...

Epopéias!

Impérios do esplendor! O Olimpo eterno,
Mais alto que o Sinai, não se envolvia
No nevoeiro espesso dos mistérios...
Seus flancos sobre a terra se abaixavam...
O riso dos olímpicos banquetes,
Largo rio de brilho e de harmonias,
Corria desde cima — e em suas margens
Via-se às vezes mergulhar a taça,
E sereno beber, um velho... Homero!

Em baixo, contrafeito e triste, o Sátiro
Rodava em volta ao monte. Homem, acaso,
Filho do chão, talvez, a forma escura
Entrevista nas selvas parecia
Um espião dos deuses. — Invejoso,
E amigo entanto, ele era o rude símbolo
Da ânsia humana, a imortal curiosidade
Que às portas d'ouro eternas espreitava
As palavras secretas... E, por vezes,

Em meio dos banquetes sua face
Aparecia — e o olho vago e triste
Desse monstro infeliz lembrava ao Olimpo
A longa dor da geração dos homens!

Diziam que era o peso das palavras
Ao destino roubadas que o curvava;
E era seu confidente o livre vento.
O rochedo o sabia: e nesses montes
Onde passava a turba gloriosa,
A boca das cavernas, ressoando,
Tinha uma voz profunda. — Ela dizia
À alma turva do homem mil segredos,
Mil perdidas ciências — as origens,
Ocultas sob o véu dos vagos símbolos...
As guerras do princípio... os Elementos,
Titãs perante o céu lutando altivos...
Os combates da Terra e suas glórias...
A tradição dos montes e das feras...
O alfabeto dos ramos na floresta...
O voo da ave e o serpear dos rios —
E a harmonia das vozes na montanha
Era a letra do hino, enquanto a música
Sob os dedos de Orfeu se cadenciava!

Ó sopro livre e puro dos desertos!
Ó murmúrios das fontes! que segredos
Ensinava essa voz aos solitários?
O pastor, sacerdote das florestas,
Áugur sagrado pela luz da aurora,
Podia sobre o monte, erguendo a face,
Decifrar os arcanos do Destino
Nos voos da ave d'ouro mitológica!

III

Feriram-te, ave augusta! Seta escura
Varou-te o coração! e a terra ingrata
Pôde beber teu sangue! No teu ninho
Vejo os ovos do abutre! tuas penas
O vento as dispersou! És como um sonho

De que mal há memória — como a nuvem
Que a rajada partiu — e como a lágrima
Dos olhos do cativo, sobre as ondas!
Ergo a face entre os montes e olho ao longe:
É ainda um mar de brilho esse horizonte...
Mas nas vagas serenas já não vejo
Teu seio, como barca de harmonias,
Entre os astros vogando compassado!

Alma virgem do mundo! Vestal santa!
Que sopra te apagou o lume puro
Em tuas aras d'ouro? Claro espírito!
Consciência universal! que sonho estranho
Te enlouqueceu de dor? Entre as florestas,
Quando o vento do inverno bate os ramos,
Há, pelo horror da noite, um choro escuro,
E uma voz dolorosa ao longe ulula...
É Diana, a formosa, a casta, a ingénua,
Ferida, e os pés em sangue pelas urzes,
Que vaga douda e corre pelas selvas
Chamando em vão os deuses foragidos!

IV

Secou-se o ramo d'ouro em mãos de Eneias!
Despovoou-se a terra! Os seus espíritos
Voaram não sei onde! A fonte chora
A viuvez das Náíades! O tronco
Agita no ar os braços descarnados,
A ver se apanha a túnica ligeira
Das perdidos Napeias! Longe, ao longe,

Nos ruídos dos bosques, nos suspiros
Do vento pelos vales, nos murmúrios
Dos rios tortuosos, nas cascatas,
Nas grutas, no rochedo — em tudo, em eco
De saudade indizível se levanta!
Sai do seio da terra uma voz triste,
Longa, profunda... é ela, que lamenta
A orfandade misérrima do mundo,
A morte da alma antiga, essa alma imensa,
Esse brilho extensíssimo!

Inocências!

Puros sonhos da infância do Universo!
Ah! não mais voltareis! um sopro frio
Varreu de sobre a terra as suas flores!
Entre os lábios de Orfeu o canto augusto
Gelou-se e a extrema nota dissipou-se!
A profecia antiga do Destino
Veio a cumprir-se — e os deuses vagabundos
D'um horizonte ao outro, como sombras,
Arrastam os retalhos desse manto
Da velha divindade! A lira eterna
Inda brilha no céu, mas não tem cantos,
Nem há já quem lhe entenda os santos hinos!
O banquete do Olimpo está deserto...
E a Terra está viúva dos seus deuses!

V

Viúva? não! um duro cativoiro
Os tem presos na abóbada sombria
D'um cárcere bem frio. Outros, fugidos,
Nas montanhas aéreas do horizonte,
Nas nuvens do sol-posto, passam tristes,
Lançando à terra um longo olhar de mágoa...
Muitos à beira-mar foram sentar-se:
Seus corações heróicos estremecem
Quando a voz do leão encadeado
Se ergue e comove o abismo — é digna deles
Essa queixa do forte! Então alongam

Pela face do mar os olhos vagos...
Outro mar de lembranças tumultua
Nos grandes peitos que dilata o orgulho...
E ao reflexo das ondas, toda a noite,
Vêm passar os pálidos fantasmas
Da glória antiga e dos antigos feitos!

A alguns o coração ficou-lhes preso
Às duras pedras da cidade ingrata.
Em despeito da afronta, amam os homens...
Uma íntima saudade os traz à noite
Em volta aos muros... vagam como sombras...
E no confuso coro misterioso
Dos rumores nocturnos, se escutares,
Hás-de ouvir os soluços e o partido
Longo choro dos deuses exilados...

Como os filhos d'um povo, que a conquista
Com mão de ferro sacudiu ao longe,
Todos vagam no mundo. A sombra, agora,
A esses corpos de luz é quem os veste!
Seus pés divinos ferem-se nas rochas!
Seus banquetes as feras lhes disputam!
E, em vez de muros d'ouro de alto Olimpo,
Suas nobres palavras inspiradas
Mal despertam o eco das pedreiras!

Fundas minas da terra! escuros antros
Das longínquas montanhas solitárias!
Em vosso duro seio houve piedade...
Vossa boca se abriu para saudá-los...
Para saudar os fortes, na desgraça...
E, enquanto os homens surdos recusavam
À miséria dos deuses um asilo,
(Estreito que ele fosse) um lar amigo,
Vós, ó sombrias rochas, vós formastes
Sobre os montes uma ala de gigantes;
E, através das fileiras de granito,
Os príncipes do mundo, os reis caídos,
Passaram no caminho do desterro!

No deserto assentaram seu concílio
Esses que o céu, há pouco, mal continha...
Graves, sua atitude é ainda altiva,
E a majestade antiga está com eles.
Não choram sobre si — em qualquer parte
Aonde habite um Deus é aí um templo —
Porém a ingratição dos homens falsos
Punge-os, que a não concebem: não concebem
Esses filhos do Bem o Mal escuro.
Dir-se-á que expiam o alheio crime;
Tanto os perturba a injustiça humana,
E da afronta, que sofrem, têm piedade...
Seus nobres corações choram: mas, fortes,
Os olhos não o dizem — como auroras,
Alegram o horizonte dos desertos!

VI

Ah! nós, nossas moradas tristes, nossas
Habitações escuras, não, não podem
Por mais tempo ficar em trevas, quando
Essa aurora imortal doura as montanhas!
Quando uma chuva d'ouro luminosa,
Trazida pelo vento, vem correndo
Desde os montes sublimes, nossos vales,
Cá em baixo, não podem, tristes, frios,
Ficar estéreis como um seio inerte
De mulher na hora santa dos ardores!
Falam deuses nos ermos... e as cidades
Não hão-de ter oráculos? As rochas
Têm génio tutelar... e o lar dos homens,
Como ara ao abandono, há-de esfriar-se?
E da memória dos antigos sonhos
Restar apenas sobre as duras lajes
Um punhado de cinzas?

A alma eterna
Há-de voltar ao seio dos ingratos!
Alma jovem de amor e luz! O mundo

Arranca as velhas cãs! rejuvenesce!
Seu gasto coração pasma, sentindo
Um novo sangue que o anima e agita!
Sorri... tenta sorrir... não sei que oráculos
Lhe ensinam a esperança! Anseia a vida...
E nos sinais do céu lê com espanto
Um poema de prósperos destinos!
A memória dos tempos venturosos
De inocência e d'amor comove-o, enchendo-lhe
O peito de saudades! cisma e em sonhos
Evoca mil lembranças — céus e fontes,
E os jardins doutros climas, e as legendas
Dos tempos esquecidos, e os sorrisos
Dos amigos da infância...

Eles! são eles,
Cujas imagens, pela vaga noite,
Lhe enchem o sono de visões fantásticas...
Estende os braços para ver se apanha
As impalpáveis formas! pára... escuta...
E as sombras da alvorada nas montanhas,
Já lhe parecem vultos misteriosos
Que o chamam e saúdam... Eram sombras!
Mas o que diz o coração, à noite,
Quando o comove a dor e o insulamento,
Mão são sonhos apenas... são presságios!

Sai das cinzas do altar uma luz frouxa...
E os lírios esquecidos dão seu cheiro...
A chama sobre o lar, às vezes, como
Se os génios, invisíveis, assistissem
Ao serão, brilha e agita-se contente,
Enchendo a casa d'um clarão fantástico...
São presságios!... Também se escuta à noite
Correr nos ares um cantar suave,
Vago, longínquo, como se os espíritos
Agitassem, passando, a lira antiga...
São vozes precursoras! Quando os deuses
Vêm visitar a habitação dos homens,
Mandam sempre adiante estes oráculos...

Sim, um dia, do meio das florestas,
Há-de-se erguer a grande voz profética!
Há-de soar! e o vento dos desertos,
Das livres solidões filho indomável,
Há-de abater o cárcere sombrio!
Eles hão-de surgir! Compondo o manto
Da realeza antiga, hemos de vê-los
Na majestade olímpica dos fortes
Descendo os grandes montes! Turba heróica!
E, vestidos de luz, a terra inteira,
Vendo o drama divino, há-de saudá-los
Em alta aclamação — teatro imenso
Co'a grande voz dos deuses ecoando!

1864.

XX

PRIMEIROS CONSELHOS DO OUTONO

Ouve tu, meu cansado coração,
O que te diz a voz da natureza:
— «Mais te valera, nu e sem defesa,
Ter nascido em aspérrima soidão,

Ter gemido, ainda infante, sobre o chão
Frio e cruel da mais cruel devesa,
Do que embalar-te a Fada da beleza,
Como embalou, no berço da Ilusão!

Mais valera à tua alma visionária,
Silenciosa e triste ter passado
Por entre o mundo hostil e a turba vária,

(Sem ver uma só flor das mil, que amaste,)
Com ódio e raiva e dor — que ter sonhado
Os sonhos ideais que tu sonhaste!» —